

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES



CASSIA MARANHÃO LIMA

Cabala judaica e cristã: um breve estudo comparado

JOÃO PESSOA-PB

2018

CASSIA MARANHÃO LIMA

Cabala judaica e cristã: um breve estudo comparado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito complementar para obtenção do título de bacharel em Ciências das Religiões, sob orientação da professora Ms. Ana Cândida Vieira Henriques.

JOÃO PESSOA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L732c Lima, Cassia Maranhão.

Cabala judaica e cristã: um breve estudo comparado / Cassia Maranhão Lima.
- João Pessoa, 2018.
38f.: il.

Orientadora: Prof.^a M.s. Ana Cândida Vieira Henriques.
Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências das Religiões) – UFPB/CE.

1. Cabala. 2. Judaica. 3. Cristã. 4. Estudo comparado. I. Título.

UFPB/BC

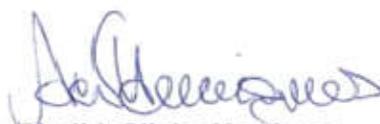
CDU: 658(043.2)

CASSIA MARANHÃO LIMA

Cabala judaica e cristã: um breve estudo comparado

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciências das Religiões.

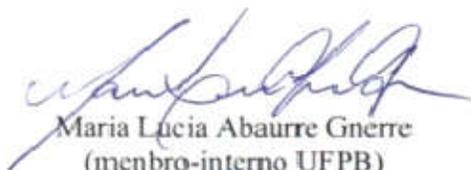
BANCA EXAMINADORA



Ana Cândida Vieira Henriques
(orientador/ PGCR/UFPB)



Ana Paula R. Cavalcanti
(membro-interno UFPB)



Maria Lucia Abaurre Gnerre
(membro-interno UFPB)

João Pessoa, 15 de junho de 2018.

Dedico primeiramente a Deus, na pessoa da Santíssima Trindade, que é Pai, Filho e Espírito Santo, por me ungir e capacitar todos os dias, para que assim, eu possa continuar seguindo meus objetivos, com força, sabedoria e coragem. Dedico também à mãezinha do céu, minha amada e doce Nossa Senhora, que com seu amor de mãe sempre guiou meus passos e me consolou nos momentos de tristeza.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Antônio Aleixo Vaz de Lima e Hildanira Maranhão Lima por toda dedicação, educação, amor e carinho que me foram dados. Todos os ensinamentos foram primordiais para que eu me tornasse no que sou hoje. Serei sempre grata por toda atenção, cuidado e zelo.

Às minhas irmãs, Camila Maranhão e Caroline Maranhão, por todos os momentos vividos que compartilhamos juntas. Com certeza fui abençoada por Deus em ter duas irmãs companheiras e acima de tudo amigas. Sei que sempre posso contar com ajuda de vocês, assim como vocês podem contar sempre comigo.

Ao meu sobrinho e afilhado Adam Luke que desde sua chegada transbordou meu coração de alegria. Saiba que a titia ama muito você.

Aos meus avós (in memoriam), em especial meu avô Aleixo Vaz de Lima que mesmo de longe sempre esteve presente na minha vida. Tenho certeza que de onde o senhor estiver se alegrará com esse momento tão esperado.

A todos da minha família, tios e primos que também deram sua contribuição na construção do ser humano que sou.

Aos meus amigos que conquistei ao longo do tempo, que me incentivaram e deram força para que eu chegasse até aqui, entre eles: Ana Maria, Fernando Costa, Francileide Veríssimo, Isabelle Lima, Josinalda Cahino, Marinalva Alves, Maria França, Nereide Alves (in memoriam), Nilvânia Ambrósio, Paula Naara, Priscila Campos, Raquel Vieira, Sorrani Diniz, Sônia Castro, Thayse Bento e Vamberto dos Santos). Sou grata pela amizade de cada um, pelo companheirismo e momentos que compartilhamos juntos, sem dúvidas quem tem amigo é privilegiado com um tesouro na terra.

A Prof^ª Ms. Ana Cândida Vieira Henriques que aceitou ser minha orientadora e prontamente me atendeu nas orientações. Obrigada por seu carisma, compreensão e empenho

em compartilhar seus conhecimentos. A sua orientação foi primordial para conclusão deste trabalho.

A todos os professores do Departamento de Ciências das Religiões por todos os conhecimentos compartilhados durante a graduação. Em especial as professoras Dra. Ana Paula Cavalvanti que me aconselhou a seguir o com tema do meu TCC e me apoiou e também a Dra. Maria Lucia Abaurre Gnerre que foi muito atenciosa comigo.

A todos que direta ou indiretamente puderam contribuir com esse trabalho. Muito obrigada!

Que Deus abençoe grandemente a vida de cada um!

“Clama a mim e te responderei, e te mostrarei coisas grandes e
ocultas que ainda não conhece”.

(Jeremias 33:3)

RESUMO

O presente trabalho abordará a importância de estudar a cabala cristã e suas ligações com a cabala judaica, sendo ela uma “Ciência oculta herdada dos hebreus”. O seu foco é buscar o absoluto dentro de si e a aproximação com o sagrado. Nossa pesquisa se detém nos estudos já feitos sobre ambas as cabalas, nos quais a cabala judaica é considerada a mais estudada entre todas e a cristã está ganhando seu espaço no meio secular, em que atrai como estilo de vida, oferecendo-se como um meio para ajudar a enfrentar melhor o cotidiano. Esses estudos também são apreciados em outras áreas de conhecimento, a exemplo da antropologia e da historiologia, onde podemos encontrar vários autores dedicados à cabala, como Isaac Luria, Pico della Mirandola e outros cabalistas. Desse modo, pretendemos analisar comparativamente as duas cabalas para destacarmos suas diferenças e semelhanças mais perceptíveis, fazendo uso da revisão bibliográfica como procedimento metodológico.

Palavras-chave: Judaica. Cabala. Cristã.

ABSTRACT

The present work will address the importance of studying the Christian Cabala and its connections with the Jewish Cabala, being a "Occult Science inherited from the Hebrews". Its focus is to seek the absolute within itself and the approach to the sacred. Our research dwells on studies already done on both cabals, in which the Jewish cabala is considered the most studied of all and the Christian is gaining its space in the secular milieu, in which it attracts as a way of life, offering itself as a means to help people cope better with everyday life. These studies are also appreciated in other areas of knowledge, such as anthropology and historiology, where one can find several authors dedicated to Kabbalah, such as Isaac Luria, Pico della Mirandola and other Kabbalists. Thus, we intend to comparatively analyze the two cabals to highlight their differences and most noticeable similarities, making use of the bibliographical revision as a methodological procedure.

Keywords: Jewish. Kabbalah. Christian.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Escrita em Aramaico.....	16
Figura 2: Diagrama da árvore da vida.....	19
Figura 3: Alfabeto Hebraico.....	22
Figura 4: Deus imanifesto.....	27
Figura 5: Ain Soph Aur.....	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Esquema dos dez ensinamentos cabalísticos.....	18
Quadro 2: As dez Sefirot.....	20

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. A CABALA E SEUS ENSINAMENTOS OCULTOS: A HERANÇA JUDAICA.....	15
2. CABALA CRISTÃ: ALGUMAS NOÇÕES / UM CAMINHO CRISTÃO.....	25
3. DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE AS CABALAS: JUDAICA E CRISTÃ	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

A cabala ainda é um assunto pouco estudado na academia, apesar de possuir um bom acervo bibliográfico. O campo para pesquisa é pequeno comparado a outras áreas de estudo dentro das ciências humanas no Brasil. Já na Europa e nos grandes países ela possui um estudo mais profundo, sendo assim mais conhecida e difundida. A cabala judaica em seu contexto desde os primórdios é vista como um conhecimento ou até mesmo uma prática pagã. A cabala cristã é uma vertente da judaica. Para chegar a tal abordagem aprofundaremos aspectos de poderes místicos e o seu alcance até nos dias de hoje, em que ainda há muito a descobrir. Seu propósito é único: o autoaperfeiçoamento.

Em suas formas bíblicas e rabínicas, o judaísmo é uma religião democrática e exotérica. Entretanto, como muitas outras religiões, possui também em suas dimensões místicas e significativas tendências esotéricas, que são mais elitistas, especialmente desde a Idade Média. A mais renomada dessas literaturas místico-esotérica é conhecida sob o nome de Cabala. Este é um termo hebreu, quem tem vários significados. Dentre eles, o básico deriva da raiz QBL do verbo receber, e assim a palavra quer dizer recepção, enquanto em hebraico moderno designa um recibo (IDEL, 2012, p.17).

O trabalho utilizará como método a análise comparativa, baseada em pesquisas bibliográficas, livros, artigos periódicos, documentos, revistas e pesquisas historiográficas feitas anteriormente. O interesse por esse assunto surgiu mediante o estudo da disciplina judaísmo e cristianismo na universidade, da qual esta autora então só ouvia falar. No decorrer dos estudos, os cabalistas observam a sabedoria encontrada no Zorah, no qual descreve a misericórdia de Deus em torno daqueles que são excluídos da sociedade. Essa compaixão não é demonstrada no Antigo Testamento, onde se percebe aspectos de um Deus severo, que impõe leis e normas como os dez mandamentos.

A problemática que cerca o objeto de estudo consiste em descobrir como eram feitos esses ensinamentos a respeito da cabala e como foi passado. E, mais especificamente, se deseja mostrar a importância da cabala para a sociedade; identificar a relação de Deus, o homem e o universo; e por fim, fazer uma breve análise comparativa entre as cabalas, evidenciando algumas diferenças e semelhanças.

Desse modo, veremos o surgimento da cabala, o porquê dela ser usada em diversas crenças, visto que alguns autores arriscam a hipótese de que Moisés chegou a conhecer o mais

profundo da cabala. Segundo o pensamento desses autores Ambalu, Asheri, Berg, Biblia, Couto, Fielding, Frankiel, Haveli, Idel, Laitman, Martin, Martins, Sérouya, Sholem, Rosenroth, há uma abertura do homem em escolher o caminho do bem e do mal, a questão do livre arbítrio e a busca dos mistérios do universo. E com isso resgatar o mito e o rito, que por sua vez vem crescendo a cada dia na atualidade dentro do meio acadêmico, temos o grupo de pesquisa GPDAS- Grupo de Pesquisas Diáspora Atlântica dos Sefarditas da UFS. Esperamos que nosso estudo possa dar sua contribuição ao curso de Ciências das Religiões, no sentido de ampliar os debates ou as discussões acerca do assunto, para ajudar a ciência entender o ser humano e aceitar o seu comportamento diante do sagrado, da sua ligação com o sobrenatural.

CAPÍTULO I

A CABALA E SEUS ENSINAMENTOS OCULTOS

1. A HERANÇA JUDAICA

A cabala é a parte mística sagrada do judaísmo contida nos textos da Torá, especificamente os cinco livros do Pentateuco¹. É a sabedoria oculta a ser revelada pela divindade até o fim dos tempos, que emana em torno de si, aquilo que o ser humano precisa para poder viver e compreender os desígnios do criador e poder estabelecer contato com os mundos superiores. Ela é rica em simbologia e mistérios, ao mesmo tempo em que possui uma linguagem interpretável.

Não se sabe ao certo sobre suas raízes, mas provavelmente se encontra em tempos remotos a partir dos povos hebreus, onde posteriormente os judeus tiveram acesso, visto serem eles o “povo escolhido” por Deus. O termo cabala vem do hebraico *Qabbalah*, que literalmente significa “receber” ou “algo recebido”, referindo-se ao processo inicial no qual a transmissão era oral. Para o judeu, esse termo também possui o significado de “tradição”, ou seja, significa a tradição mística em Israel (ASHERI, 1995, p. 255).

Fazendo alusão à origem desta doutrina secreta, como também a algumas características deste sistema, Couto (2009) nos diz que,

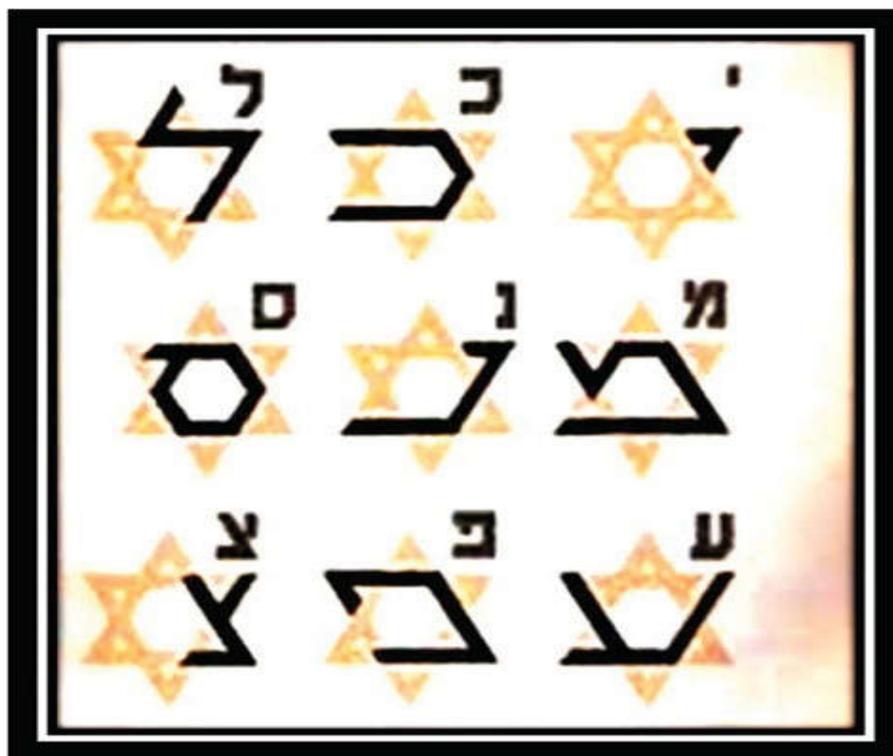
Assim os cabalistas sustentam que, quando Moisés recebeu as tábuas, não foram apenas os Dez Mandamentos e a história da Criação que lhe foram revelados, mas também um diagrama secreto do universo, ou, nas palavras de Zetter, ‘uma espécie de mapa que retrata a fonte e as forças da Criação, além de uma explicação sobre o relacionamento entre os seres humanos e o restante do universo, tudo isso oculto no interior do texto bíblico’ (COUTO, 2009, p. 52).

Podemos conferir na figura abaixo o caráter de mistério que envolve essa ciência antiga. Trata-se da escrita originalmente em aramaico na versão mais conhecida, que fazia relação com as letras hebraicas e com códigos mágicos, mais precisamente amuletos para

¹ Os cinco livros do Pentateuco são: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

enfermos a serem curados. Também tem o objetivo de natureza mística, que é adiantar o advento do Messias tão esperado.

Figura 1: Escrita em Aramaico



Fonte: NISKIER, 2011, p. 09.

A visão platônica sobre a cabala se dá no momento do mito cosmogônico, onde o mundo não possui forma e tudo é caos, surgindo, deste modo, a concepção de um mundo superior e inferior. Estes dois mundos fazem referência à ligação de Deus com a criação do cosmo. De se criar seres à sua imagem e semelhança, no que difere no sexo, através do macho e fêmea, do masculino e feminino, onde emana uma parte de si mesmo no universo. Partindo dessa visão platônica, Scholem (1978) conclui que,

O caos que fora eliminado da teologia da “criação” a partir do “nada” reapareceu sob uma nova forma. Este nada sempre estivera presente em Deus, não estava fora Dele, nem fora suscitado por Ele. É este abismo dentro de Deus, coexistindo com Sua infinita plenitude, que foi transposto na Criação, e a doutrina cabalística do Deus que habita “nas profundezas do nada”, corrente desde o século XIII, exprime este sentimento numa imagem que é tanto mais notável quanto foi desenvolvida a partir de um conceito tão abstrato (SCHOLEM, 1978, p. 123).

Nesse sentido, Asheri (1995, p. 255), vem esclarecer a respeito dessa especulação sobre o “nada” dizendo que, “quando Deus decidiu criar o universo, Ele “contraiu” a Si mesmo e deixou um pedaço ocupado pelo nada. Desse vazio, criou o universo”.

A cabala judaica possui algumas características marcantes, que a torna peculiar, como a que só poderia ser estudada por pessoas do sexo masculino, que fosse judeu, que tivesse mais de quarenta anos e pelo menos três filhos. Essa restrição se deu por muito tempo, devido ao receio de cair em mãos de pessoas leigas que não soubessem lidar com ela e fazer interpretações errôneas. Contudo, a cabala foi sendo espalhada por toda Europa, precisamente na Itália renascentista, por vários mestres rabinos e pelos cabalistas.

É importante esclarecer que a cabala não é religião e não é propriedade dos judeus, mas sim que estes foram os que melhor assimilaram essa revelação e foi por eles que a cabala ficou mundialmente conhecida. A cabala pode ser interpretada como um estilo de vida a ser praticado por pessoas de qualquer religião, que façam parte de qualquer povo ou cultura.

Um dos tabus mais recorrentes da história foi quebrado, aquele no qual as mulheres judias não tinham acesso a todos os ensinamentos das escrituras sagradas, e muito menos a sabedoria cabalística. Hoje essa realidade mudou, as mulheres podem usufruir dos ensinamentos místicos pela sua própria natureza sensível. Por vários motivos os cabalistas observaram que o “ir” e “vir” é direito de todos, e que o livre arbítrio é um dos pilares que regem a cabala. As regras e leis da cabala correspondem às leis do governo natural das coisas.

Um caos primordial e uma ordem de valores são dualidades atribuídas à necessidade das duas que interagem entre si. A essência do ensinamento não mudou, mudou a forma de transmissão, com o avanço da tecnologia, conseguiu-se através da internet ter acesso à cabala e qualquer individuo pode estudá-la. A partir de sua compreensão, podemos entender o ser humano, aceitar o seu comportamento diante do sagrado, sua ligação com o sobrenatural. Nestes termos,

A cabala na sua estrutura pode ser entendida enquanto um corpo de especulação basicamente esotérico seja na sua explicação teosófico-teúrgica dos fundamentos lógicos dos mandamentos ou na “tendência extática” de contemplação e utilização dos nomes divinos (IDEL, 2000, p. 377).

Esse corpo de especulação é dirigido à Torá na tentativa de uma compreensão do seu significado oculto. Várias questões são levantadas, dentre elas, como o universo foi criado; como Deus se manifesta nessa criação; como se comunicar com Deus de maneira direta

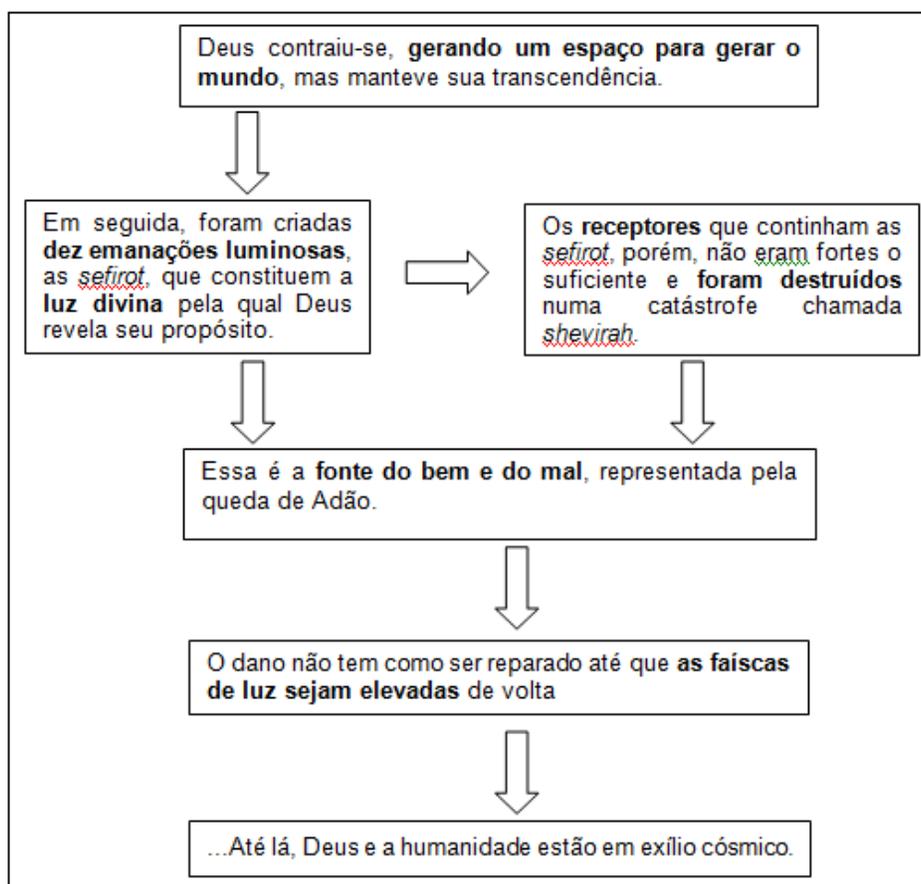
através da prece; e finalmente, como regular o comportamento e a vida do místico, com o intuito de unificar os dois mundos, o superior e o inferior (ASHERI, 1995, p. 255).

A cabala é composta por vários livros, entre eles o mais destacado e um dos mais importantes, o Zohar (“Esplendor divino”), obra atribuída ao rabino Shimon Bar Yochi, que viveu no século II. De acordo com Laitman (2008),

O livro do Zohar, o Livro dos livros da Cabala, revela-se ao mundo, naquele instante, pela primeira vez e é ocultado de imediato por seus autores. A razão: aquela geração ainda não estava preparada para que fosse revelado entre as massas já que as pessoas estavam submersas na busca do material. “Este livro”, disse-lhes Rabi Shimon a seus discípulos, “revelar-se-á somente na geração na qual as pessoas se desesperem do desenvolvimento material egoísta e desejarão então, descobrir o significado verdadeiro da vida. Seu papel [do Livro] será terminar com a era da escuridão espiritual, a era do exílio” (LAITMAN, 2008, p. 225-226).

Com base nos ensinamentos cabalísticos, Deus e a humanidade estão em exílio cósmico. Ambalu et al (2016) nos oferece um esquema que melhor explica o que levou a esse exílio. Abaixo segue a reprodução.

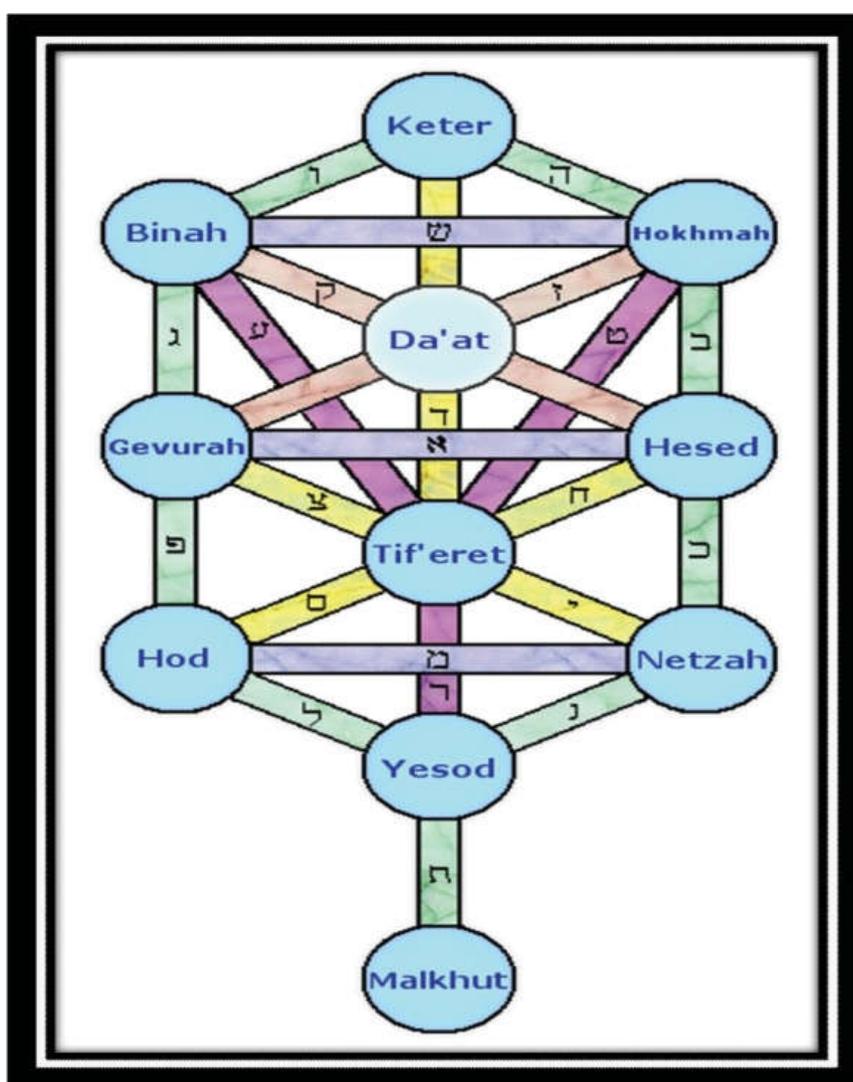
Quadro 1: Esquema dos ensinamentos cabalísticos



Fonte: AMBALU et al, 2008, p. 187.

A doutrina das Dez *Sefirot*, ou seja, as potências divinas e suas emanções são também conhecidas como a **árvore da vida**, que seria o próprio corpo humano, segundo os estudos cabalísticos. A bíblia refere-se à **árvore do bem e do mal**, dizendo: “deu-lhe este preceito: podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente” (Gn 2:16-17). Cada uma delas reflete o próprio Deus dentro do homem, como veremos logo abaixo.

Figura 2: Diagrama da árvore da vida



Fonte: NISKIER, 2011, p.11

Vejamos No Quadro 2 o esquema das dez sefirot que representa as emanções divinas.

Quadro 2: As Dez Sefirot

AS DEZ SEFIROT			
Hebraico	Português	Posição no corpo	Significado
Kether	Coroa	Alto da cabeça	Centelha divina; vontade; alma.
Chochmah	Sabedoria	Têmpora direita	Primeira emanção da luz; centelha da inspiração; semente do pensamento.
Binah	Entendimento	Têmpora esquerda	Alimentação da centelha, transformando-a em chama, a semente no interior de um organismo.
Da'at	Conhecimento	Cérebro e coluna vertebral	“Décima primeira <i>sefirah</i> ”, unindo e conectando o conhecimento.
Chesed	Expansividade	Ombro e braço direito	Gentileza amorosa; graça divina e apoio universal.
Guevurah	Restrição	Ombro esquerdo e braço esquerdo	Disciplina; limitação; força de caráter.
Tiferet	Esplendor	Coração e plexo solar	Equilíbrio harmônico das tendências; o “arco” que une e liga todas as <i>sefirot</i> .
Netzach	Perseverança	Quadril direito e perna direita	Iniciativa energética; energia.
Hod	Entrega	Quadril esquerdo e perna esquerda	Aceitação, concessão.
Yesod	Fundamento	Ventre e genitais	Processamento e transmissão de energia das <i>sefirot</i> anteriores.
Malchut	Manifestação	Pés e lábios (como o órgão da comunicação com o mundo exterior).	“Reino”; <i>Shechinah</i> , a impressão final provocada no mundo físico; a presença divina emanando no mundo.

Fonte: FRANKIEL, 2009, p. 55.

Esse esquema cosmológico é característico da cabala. De acordo com Eliade (1999, p. 226), as Dez *Sefirot*² correspondem provavelmente aos Dez Mandamentos e aos 22 caminhos, e este às 22 letras do alfabeto hebraico. Portanto, a criação teria ocorrido a partir desses 32 elementos primordiais.

No pentagrama cabalístico, os símbolos possuem vários graus de profundidade e universalidade para os seres humanos. Quanto mais arquetípico parecer o símbolo, se tornará universal a dimensão do seu poder e atração. Eles (os símbolos) expressam elementos da alma e do universo. O “interior e exterior”. Os físicos não alcançaram esse grau de conhecimento, onde o interior e exterior são um, mas sim olhando de diferentes ângulos. (FIELDING, 2010, p. 22).

Para Fielding, os símbolos mais simples e abstratos são geométricos: o ponto, a linha, o círculo, o polígono, etc.

² Aqui temos dois pensamentos diferentes das dez Sefirot uma seria de Elide e o outro de Fielding, cada qual com o seu olhar minucioso para uma melhor compreensão.

O pentagrama, por exemplo, ou estrela de cinco pontas, representa a relação especial entre os quatro elementos alquímicos (terra, ar, fogo e água) e a quinta condição – o éter – da qual eles se originaram. O pentagrama representa os nossos quatro níveis de espírito e sua relação com o espírito. Outra forma de estrela é o hexagrama, desta vez com seis pontas. Ele é composto de dois triângulos entrelaçados, um apontado para cima, o outro para baixo. O primeiro representa a matéria que aspira “ascender” ao espírito; o segundo, os princípios espirituais que “descem” em direção a matéria. Em conjunto, este símbolo retrata a perfeição; no caso, Deus no Homem, no segundo, o reino dos céus na Terra (FIELDING, 2010, p. 23).

Os *Sephirot* correspondem a estados da consciência, ao passo que os 22 Caminhos mostram as experiências subjetivas, através das quais os iniciados transferem a consciência de uma esfera a outra. <http://www.sintoniasaintgermain.com.br/camino.html>

Na Árvore da Vida são encontradas todas as forças e fatores operantes no universo e na humanidade, que dentre esse fatores é encontrado a dualidade³. Não possui nenhum aspecto, influência ou energia que seja suscetível de representação na Árvore. Tudo é representado na árvore, o começo, o fim e os dois caminhos intermediários. Conseguimos assim enxergar o passado, o presente e o futuro nas dez sephirot e nos vinte e dois caminhos que as ligam (FIELDING, 2010, p. 45).

Na cabala judaica, o bem e o mal⁴ estão unidos entre si e dão equilíbrio para o cosmo. Sem a existência do mal, é desnecessário tornar possível que a criatura exista. Entende-se que ambos existem para elevar a um grau espiritual superior que se conecta com o Criador. Segue nesse mesmo raciocínio a concepção de pecado, que é chamado o pecado de Adão, não pelo fato que pecou, mas pela desobediência, descobriu o pecado. O pecado no judaísmo é entendido como traços da natureza humana (FRANKIEL, 2009, p. 26).

O Zohar abrange o conhecimento do alfabeto hebraico que forma 22 letras e estão ligadas às forças que controlam o universo. Nisso reside o segredo da ordem, a harmonia dos céus sobre o mundo, no qual há uma habitação para Deus.

³ Originalmente, da unidade resultou a dualidade. Agora os elementos da dualidade, Chesed e Geburah, se juntam e de sua união nasce a nova unidade de Tipharet (FIELDING, 2010, p. 36).

⁴ A visão sobre o bem e mal foram tirados do site do cabalista Laitman: <http://laitman.com.br/2014/01/a-lei-de-equilibrio-do-bem-e-do-mal/>.

Figura 3: Alfabeto Hebraico



Fonte: NISKIER, 2011, p. 10.

Essa figura nos mostra cada letra hebraica, onde elas possuem uma potência distinta por três elementos: além da *letra*, é também um *número* e uma *ideia*. Elas se manifestam nos três mundos: físico, astral e psíquico. Essas letras são combinações estudadas para obter o conhecimento da alta matemática e geometria sagrada.

A Sabedoria da Cabala nos ensina como desfrutar da vida aqui e agora. Explica-nos toda classe de termos como o mundo por vir, as almas, as reencarnações, vida e morte, os quais se referem unicamente aos estados internos que experimenta o homem no transcurso de seu desenvolvimento espiritual, enquanto vive aqui, neste mundo (LAITMAN, 2008, p.16).

Segundo o mesmo autor, há pessoas que recorrem à cabala por seus esforços pensando no aqui e no agora, como também aquelas que pensam além de dar e receber amor, outras se ocupam tanto com os prazeres temporais que se esquecem de cuidar do outro. Nesse sentido, os cabalistas criam em suas obras um objetivo: demonstrar aos homens como obter a vida

eterna, uma vida de regozijo. Para compreender melhor essa conexão entre os seres humanos, devemos nos deter no conhecimento de sua raiz, explica.

Segundo a Cabala, esta raiz existe num local em que o tempo e o lugar não existem. Os Cabalistas dizem-nos que nesse local, todos estamos conectados, somos uma só alma, denominada “a alma de *Adam Ha Rishon*” (o primeiro homem)”. Esta alma é como um organismo constituído por milhões de células que se relacionam em estreita colaboração. Em algum ponto de sua evolução, as partes (células) perderam a noção de sua conectividade e a alma se fragmentou numa multiplicidade de partes separadas. Esta separação desencadeou a alienação e o ódio entre nós, e desde então, temos estado buscado inconscientemente substitutos para este sentimento de plenitude que uma vez compartilhamos. Na realidade, todos os sistemas sociais que como seres humanos temos criado através da história, objetivam um só propósito: restaurar nossa conexão e reciprocidade perdidas (LAITMAN, 2008, p.114).

Dentro dessa, perspectiva de restauração o judaísmo consegue achar um caminho, a reencarnação. De acordo com Berg,

A reencarnação pode fornecer as peças que faltam no quebra-cabeça e nos ajudar a entender as pessoas ao nosso redor. Ela ajuda a explicar coisas que podemos ter achado difíceis de aceitar no passado. É por isso que a Kabbalah explica que “conhecimento é conexão” (BERG, 2013, p. 86).

Laitman (2008, p. 211), complementa dizendo que voltar a encarnar é necessário, pois a obtenção do “estado perfeito e corrigido é a essência da Meta da Criação. E não alcançando este estado, seguimos nascendo neste mundo”.

Entre muitos cabalistas, Isaac Luria foi um dos principais mestres, mais conhecido como Ari, que significa “leão”, era chamado assim por seus discípulos que preservaram e copilaram seus ensinamentos. Ele fala em suas teorias no conceito da ligação do primeiro homem e o cosmo.

Para Lúria e seus discípulos, a luz divina “que jorrou no espaço primordial”, “desenrolou-se em diversas etapas” e “sob uma grande variedade de aspectos”. Esse processo passa em seguida para um reino de existência semelhante à esfera do Pleroma da luz divina. O primeiro ser que emanou da luz foi “Adam Kadmon”, que é a primeira figura no espaço primeiro do Tsimtsum, em quem a luz divina do En-Sof se derramou. Deus só se manifesta no “Adam Kadmon”, forma primeira e superior, após o Tsimtsum. De seus olhos, de sua boca, de suas orelhas e de seu nariz sai a luz resplandecente das Sefirot. Antes, todas essas luzes estavam reunidas sem nenhuma diferença no seio das Sefirot. Não tinham, pois, necessidade de “vasos” para contê-las. Mas as luzes que vinham dos olhos do “Homem primordial” apareciam sob uma “forma pulverizada”. Assim, cada Sefira se tornava um ponto

isolado, que Lúria chama Olam ha Necudot (mundo de pontos) ou mundo do Toú, isto é, mundo da confusão e da desordem. Nesse particular, Lúria adere à doutrina de Cordovero, relativa “aos acontecimentos deste reino”, e ao “estado do mundo que lhes corresponde”. Se se considera agora o caráter do plano divino em relação à criação dos seres, que ocupavam individualmente na “hierarquia ideal” o lugar que lhes fora reservado fazia-se, evidentemente, necessário que essas “luzes isoladas fossem captadas e conservadas em vasos especiais, criados, ou melhor, emanados com esse fim particular”⁵ (SÉROUYA, 1970, p. 420).

Esse primeiro homem (alma suprema) para o judaísmo é a raiz da conexão com todo o universo e o criador. Nós somos essas células fragmentadas que se perderam e estão dispersas procurando se reconectar novamente, por isso o motivo da alienação na humanidade. Não devemos permanecer perdidos e sim procurar o caminho que é a interação entre os demais e voltar a essa conexão que foi planejada para vivermos em equilíbrio como era no princípio. Até que se cumpra o anúncio profético que haverá de vir o messias, esse prenúncio é a escatologia judaica. O mito vivo nos fornece “modelos para o comportamento humano, conferindo significado e valor à existência” (MARTINS, 2008, p. 226).

Na verdade, Luria contribuiu para a criação do hassidismo, termo formado a partir do hebraico *hasidout*, “santidade”. É um movimento de renovação religiosa fundado no judaísmo por Israel bem Eliezer, conhecido como Baal Shem Tov, em 1740. Um de muitos de seus ensinamentos é que todo mundo possui uma faísca divina dentro de si. Atualmente, o hassidismo se constitui como “uma das mais importantes ramificações dentro do judaísmo ultraortodoxo”. Esse movimento surgiu nas pequenas e isoladas comunidades judaicas da Europa Central e Ocidental no século XVIII, cujo modo de vida se diferenciava de outras comunidades situadas nas cidades. Nesse período, a filosofia judaica adquiriu um caráter mais intelectual, e isso foi motivo para gerar conflitos entre os habitantes de povoados pequenos. Em prol da unidade dessas comunidades, eram oferecidas orientações aos seguidores e estes tinham a oportunidade de participar das observâncias religiosas de modo mais ativo (AMBALU et al, 2016, p. 188).

Como toda doutrina religiosa, o hassidismo também tinha seus apóstolos, seus pregadores ou profetas, com a missão de mostrar aos homens essa centelha de Deus que existe em todo ser criado e, por meio dela, fazê-los entrar em contato imediato com a divindade, através do silêncio, do retiro, do sentimento e da intuição, da alegria, sem intermediários, sem palavras, sem livros, como o fez seu fundador Baal Shem, retirando-se para os Montes Cárpatos (MARTÍN, 1996, p. 31).

⁵ Tsimsum significa concentração, contração; En-Sof é o Deus verdadeiramente; Sefirah (singular) ou Serifot (plural) são as emanações dos atributos divinos.

CAPÍTULO II

CABALA CRISTÃ: ALGUMAS NOÇÕES

2. UM CAMINHO CRISTÃO

A cabala cristã é ainda um campo pouco estudado no Brasil, apesar de remontar a meio milênio. Todas as referências são tiradas da cabala judaica. A Cabala tem a capacidade de despertar uma mistura de sensações e emoções em seus leitores: curiosidade, medo, fascínio, assombro e empolgação. É uma profunda tentativa de desvendar os mistérios do mundo que, na verdade, “são como um reflexo dos mistérios da vida divina” (SCHOLEM, 1997, p. 7-8).

Acreditamos que o mérito deve-se aos hebreus por trazer essa sabedoria até nós, resgatando mitos e ritos, que por sua vez vem crescendo dentro dos estudos acadêmicos como por exemplo na UFS no grupo GPDAS e fora deles.

Uma doutrina que ali e ali encerra verdades, e, além disso, remonta a uma tradição muito antiga, exerce, indiscutivelmente, uma influência decisiva, qualquer que seja o fim que vise. Desse modo, a Cabala — que envolve o mais alto misticismo judaico, em seu apego à Divindade Suprema e em sua correlação com a estrutura cósmica, isto é, o aspecto metafísico do universo em seu conjunto, considerado como um macrocosmo, e o do homem, sobretudo, considerado como microcosmo — imprimiu sua marca não apenas no pensamento judeu, mas também no pensamento místico cristão, e mesmo na filosofia e na arte (SÉROUYA, 1970, p. 50).

Quanto à cabala cristã, esta geralmente esteve restrita aos centros ocultistas, e razoavelmente aberta a estes. Percebe-se que o seu papel, onde o cerne se encontra em ambos os lados, está relacionado à criação e regeneração da sociedade.

A cabala cristã é considerada uma releitura da judaica, porém, compreendendo em sua essência a tríade sagrada. Ela surgiu por volta do século XV na Itália através de uma corrente cabalística, na qual judeus e não-judeus se empenharam em estudá-la e difundi-la. Os cristãos buscavam na cabala uma conciliação entre o cristianismo e os aspectos específicos da sabedoria oculta judaica. Nessa mesma época, vemos a ascensão dos grandes cabalistas cristãos.

O catalão Raimundo Lulle (1235-1315) via na Cabala o sumo do conhecimento. Seu *De auditu Cabbalistica* foi considerado apócrifo pela crítica moderna. Em compensação, sua *Ars Magna*, ligada à mística das letras para os cálculos messiânicos cristãos, deriva da Cabala. Na realidade, o primeiro pensador cristão que se entusiasmou pela Cabala foi Pico della Mirandola⁶ (1461-1493), condenado pela Inquisição, como o fora, antes dele, Mestre Eckart, por suas visadas demasiado avançadas. Pedro Garcia, espanhol de origem, locomoveu-se até Roma para atacar sua obra *De Conclusiones Cabalisticæ*, tachando-a de herética. A Cabala cristã nasceu com Pico della Mirandola, embora este fosse muito jovem e sua erudição de segunda mão. Johann Reuchlin (1455-1522), outro sábio alemão de grande valor, autor do *De Verbo Mirifico* e do *De Arte Cabalistica*, fez da Cabala um fator de grande importância para os movimentos religiosos da Reforma. Do mesmo modo, seu compatriota Cornelius Agrippa (1486-1535), tão ousado quanto ingênuo, escreveu o *De Occulta philosophia*, onde iniciava os homens nos segredos da Cabala e da filosofia hermética. Também Jacob Boehme (1575-1624), outro grande místico alemão, conheceu a Cabala, a julgar por sua leitura das obras de Paracelso (1493-1541). O pietismo cristão da Alemanha do século XVIII está impregnado da mística da Cabala. A mesma tendência se observa mais tarde em J. C. Haman, Franz von Baader, e em Schelling, cuja filosofia acusa uma considerável influência da Cabala. Na França, Jean Theraud de Angoulême, franciscano do século XVI, dedicou ao rei sua obra *La sainte et très chrétienne Cabale*. No século XVIII, Martines Pascally sistematizou a Cabala segundo os princípios católicos, inspirando-se em Louis Claude de Saint-Martin, o tradutor das obras de Boehme, fundador do Ocultismo, baseado na Cabala. Citemos ainda o italiano Jerônimo Cardanus (1501-1576), o holandês João Baptiste von Helmont (1577-1644), o inglês Roberto Fund (1574-1637) etc. (SÉROUYA, 1970, p. 51).

Segundo Frankiel (2009, p. 39), para alguns pensadores contemporâneos, a cabala concebe a ideia de Deus como infinito, usando a metáfora de um holograma para explicar o relacionamento do universo com o divino, sua fonte primordial. Vejamos que a totalidade de Deus está em cada parte da criação. Por esse motivo ele é um ser supremo a todas as coisas, se revelando em três dimensões: sendo ele onipotente, onipresente e onisciente, estando acima de toda criatura.

Dessa forma, a sabedoria que os cabalistas possuem ultrapassa o alcance da compreensão mortal, e a primária AIN, a existência negativa Única, e a AIN SVP, Ain Soph, a expansão sem limites, que se emparelham sempre com a AIN SVP AVR, Ain Soph Aur, a Luz ilimitada, permanecem apenas como conceitos velados, ocultos ou esotéricos. Agora, se pensarmos profundamente, veremos nesses conceitos algumas das formas primárias do Desconhecido e Inominável Único, ao qual nós, em nossas expressões cotidianas, chamamos de Deus. Ele é o Absoluto (ROSENROTH, 2004, p. 20).

O Deus desconhecido, remonta à passagem bíblica da ida de Paulo a Atenas, na Grécia, onde era assim chamado pelos gregos. “Paulo, em pé no meio do Areópago, disse:

⁶ Picco della Mirandola ficou conhecido por seus escritos de novecentos tratados, as *Conclusiones Philosophicæ Cabbalisticæ et Theologicæ*, publicada em Roma no ano de 1486. Fonte: <http://jornaldespertar.blogspot.com.br/2013/03/uma-breve-introducao-cabala-crista.html>.

Homens de Atenas, em tudo vos vejo muitíssimo religiosos. Percorrendo a cidade e considerando os monumentos do vosso culto, encontrei também um altar com esta inscrição: A um Deus desconhecido. O que adorais sem o conhecer, eu vo-lo anuncio!” (BIBLIA, 2004, p.1435).

Segundo Oliveira (2013), o **Ain** (o nada) já existia na cabala judaica e nas grandes culturas remotas, como por exemplo, na árvore da vida assíria e babilônica. Conforme imagem abaixo, acima da árvore há um pássaro, algo transcendente, que na concepção daqueles povos, seria o Deus imanifesto (aquele que não se revelava, aquele que se mantinha oculto até então), o desconhecido. O A figura abaixo representa a árvore da vida. Arte em relevo dos assírios, um dos povos que habitavam a mesopotâmia.

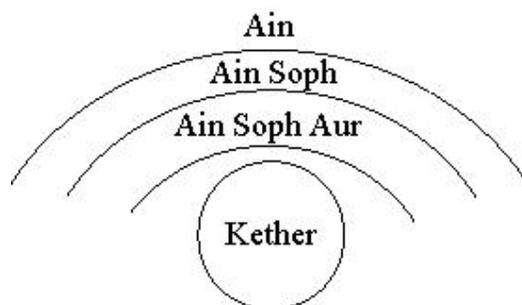
Figura 4: Deus imanifesto



Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/civilizacao-mesopotamica.htm>

Na cabala cristã, quando Deus quis ser conhecido, somente os profetas e os iniciados conseguiram conectar-se com ele através de uma potência divina, o Espírito Santo, o mesmo que Ain Soph Aur.

Figura 5: Ain Soph Aur



Fonte: <http://humanityhealing.net/2011/09/cosmic-architecture-i-the-ain/>

O esquema acima retrata as concepções cristã acerca da tríade divina, no qual Ain = Nada / Pai; Ain Soph = Infinito / Filho; e por fim, Ain Soph Aur = Luz Infinita / Espírito Santo. Nesse processo do Nada, Infinito e Luz Infinita, Deus decide se manifestar a humanidade enviando pela encarnação do Verbo, seu filho Jesus Cristo. Então, temos a tríade cristã formada pelo Pai, Filho e Espírito Santo. Portanto, Rosenroth (2004) explica a concepção do Espírito Santo, para os cabalistas cristãos.

A palavra Elohim é a expressão do vocábulo feminino singular ALH, *Eloh*. O acréscimo IM é utilizado, geralmente, como terminação plural masculina no hebraico e, neste caso, soma-se a uma palavra feminina. Isso faz com que, finalmente, a palavra Elohim contenha a potência feminina unida à ideia masculina, capaz de produzir uma semente. Bem, ouvimos muito acerca do Pai e do Filho, mas quase nunca ouvimos algo a respeito da Mãe Original nas religiões professadas atualmente no Ocidente. Isso não acontece com a Qabalah, a qual nos revela que, nos dias antigos, Ele se configurou em Pai e Mãe simultaneamente, e assim deu lugar ao Filho. Essa Mãe é justamente Elohim. De uma forma similar referimo-nos ao Espírito Santo, atribuindo-lhe, de antemão, o gênero masculino. Mas a palavra RVCH, *Ruach*, Espírito, é feminina, como aparece na seguinte passagem do *Sepher Yetzirah*: ACHTH RVCH ALHIM CHIIM, Achat (palavra feminina do Achad masculino) Ruach Elohim Chiim: “Ela, Única, é o espírito da vida dos Elohim” (ROSENROTH, 2004, p. 25).

A cabala cristã em seu estudo dá ênfase ao homem primordial, assim como vimos na cabala judaica. Sendo que a cabala cristã, acredita que o Adam Qadmon teria se regenerado, em outras palavras, seria o próprio Cristo encarnado no meio dos homens.

Pegando o total desses anagramas místicos em sua própria ordem, Picus construiu a seguinte sentença a partir da primeira palavra da Bíblia, BRASHITH: *Pater in filio (aut per filium) principium et finem (sive quietum) creavit caput, ignem, et fundamentum magni hominis faedere bono*: “Pelo Filho se chega ao Pai, criador de tudo, Ele é o princípio e o fim, o fogo vital e o fundador do Homem Supremo (Adam Qadmon) por Sua justa promessa”. Essa frase é um pequeno epítome dos ensinamentos do *Livro do Mistério Oculto*. Essa mensagem da Qabalah literal já se estendeu para além de seus próprios limites. Entretanto, foi necessária, de qualquer maneira, para explicar o funcionamento do raciocínio metafísico na aplicação aos trabalhos cabalísticos (ROSENROTH, 2004, p.18).

No cristianismo, a transgressão a lei de Deus é a natureza pecaminosa que habita no ser humano, podendo ser expresso como uma rebeldia, orgulho ou corrupção (FRANKIEL, 2009, p. 26). Uma vez existindo o pecado, o mal é consequência dele, já que o bem procede de Deus e tudo o que ele fez é bom.

No evangelho canônico de João, ele anuncia a vinda do tão esperado messias, o verbo encarnado que morreu e ressuscitou depois de três dias, sendo ele um divisor de águas no meio do seu povo, já que os judeus não o consideravam como salvador, e sim como mais um de tantos profetas que já existiu na face da terra.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam. Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio para testemunho, para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele. Não era ele a luz, mas para que testificasse da luz. Ali estava a luz verdadeira, que ilumina a todo o homem que vem ao mundo. Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. João testificou dele, e clamou, dizendo: Este era aquele de quem eu dizia: O que vem após mim é antes de mim, porque foi primeiro do que eu. E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça. Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o revelou” (BIBLIA, 2004, p.1384).

A cabala cristã teve um papel importante para consolidar a teologia e os dogmas da igreja católica, que desde então se encontravam enfraquecidos por influências de outras religiões dentro de suas universidades. A partir, disso:

A cabala e suas ideias tiveram poderosa influência na cristandade. A igreja estava carecendo, nessa época, de confiança por parte de seu clero, muito perturbado pelas ideias que lhe chegavam do Islão e do judaísmo, através de suas universidades. Parecia que a fé não era o bastante. Ajudado por outros, Tomás de Aquino, doutor da igreja, encontrou a solução em seu estudo do judaísmo, combinando os trabalhos cabalísticos de Dionísio Areopagita com o pensamento de Aristóteles. A partir daí pode formular toda uma teologia que depois seria incorporada aos ensinamentos da Igreja. Ao contrário dos cristãos platônicos, Aquino trouxe para o universo mundano o abstrato, relacionando Deus e as influências angélica ao mundo dos elementos, das plantas, dos animais, dos homens, através da árvore da vida. Desse conceito cabalístico vieram as nove ordens da hierarquia da Igreja. Até os construtores das grandes catedrais foram influenciados (HALEVI, 1973, p. 17).

Acreditamos que sem Aquino não seria possível haver um cristianismo com valores trazidos dos conceitos cabalísticos abordado nos primórdios. Isso foi fundamental para seus estudos serem realizados e chegar a tal conhecimento.

Se a humanidade é um efeito da Criação, ao olharmos dentro dela encontraremos a causa da Criação. Olhando dentro do homem encontraremos Deus. Nossa verdadeira essência é Deus, a origem da nossa consciência é Deus, e Deus tem o poder de mudar tudo (...). Nossa tarefa, queiramos ou não aceitá-la, é transformar nossa consciência de efeito. Temos que deixar de ser algo oposto a Deus para nos tornarmos o que Deus é. É nossa tarefa transformar este mundo que parece imperfeito e escuro naquilo que ele foi idealizado para ser, um mundo perfeito e cheio de Luz (BERG, 2011, p. 8-9).

Berg⁷ ressalta que o homem deve agir de acordo com o querer de Deus e não ir contra a vontade divina. Se agir assim, conseguirá viver segundo seus preceitos, como está escrito na bíblia. “Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim. Se me conhecêsseis, também certamente conhecereis meu Pai; desde agora já o conheceis, pois o tendes visto” (BIBLIA, 2004 p. 1404).

⁷ Karen Berg é uma grande cabalista da nossa geração. Ela promove aulas para as mulheres aprenderem a cabala. Com a inspiração e liderança da Karen e do Rav Berg, seu marido, o Kabbalah Centre cresceu de um simples centro até se tornar a principal fonte de sabedoria kabbalística em todo o mundo. Após uma educação secular em Nova Iorque, Karen passou os primeiros 20 anos da sua juventude à procura de um caminho mais espiritual. Depois de ter conhecido o seu futuro marido, o kabbalista Rav Berg, dedicou a sua vida, primeiro a aprender e, depois a ensinar Kabbalah. Karen foi uma das primeiras pessoas a entender que tinha chegado o tempo de a Kabbalah sair do esconderijo e tomar o seu lugar no mundo moderno. Décadas mais tarde, Karen mantém com paixão a sua ideia de como a Kabbalah pode ser usada por toda a humanidade como uma ferramenta prática para a melhoria da vida de cada um. Fonte: <http://pt.kabbalah.com/content/sobre-karen-berg>.

CAPÍTULO III

DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE AS CABALAS: JUDAICA E CRISTÃ

A cabala é uma ciência antiga que os judeus tiveram acesso, é considerada a parte mística do judaísmo, pois que eles foram o povo escolhido por Deus e melhor assimilaram essa sabedoria encontrada na Torá, que estuda a manifestação de Deus no meio dos homens e sua ligação com o cosmo. A cabala cristã, por sua vez, fez uma releitura da judaica, surgindo aproximadamente no século XV, sendo difundida por judeus e não-judeus.

Nessa perspectiva, analisaremos suas diferenças e semelhanças perceptíveis – discorridas no primeiro e no segundo capítulo – a respeito da tríade sagrada, reencarnação e ressurreição, árvore da vida, messianismo, origem da cabala, o homem primordial, visão sobre bem e mal, concepção de pecado, a dualidade, restrição da mulher em estudar cabala e quem pode estudar a cabala.

A tríade sagrada representa o ponto principal de nossa discussão, visto se constituir como a principal diferença entre as cabalas. Essa tríade só existe na cabala cristã, é baseada nos ensinamentos de Jesus, cujos sermões enfatizavam a unidade entre Ele e o Pai, e que Deus enviaria o Espírito Santo para não deixar seus apóstolos sozinhos, pois que os judeus não acreditaram que podia existir um Deus manifestado em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

Eles acreditam num Deus que é uno, absoluto, regente de todas as coisas existentes no universo. Para os judeus, como foi visto no segundo capítulo, Deus seria o Ain (o nada), um ser sozinho, um Deus desconhecido que se manteve oculto nesse período e depois se revelou ao seu povo escolhido, os hebreus.

Após a morte, a cabala judaica acredita na reencarnação da carne, na qual a alma do ser humano regressa à vida terrena, com outro corpo. Isso faz parte unicamente dos estados internos que testam o homem no decorrer de seu progresso espiritual, enquanto vive aqui, neste mundo. Já a cabala cristã acredita na ressurreição da carne, ou seja, no retorno a vida depois da morte, só que apenas numa condição espiritual.

A árvore da vida é semelhante nas duas cabalas e vemos menção delas nas grandes culturas remotas. Em seu contexto, apresentam as 10 emanções divinas (Sefirot) no próprio corpo humano, segundo os cabalistas. Cada parte tem sua função e significado.

A cabala cristã tem uma visão de bem e mal. O bem procede de Deus e o mal é consequência do pecado, da transgressão da lei divina que foi praticada por Adão e Eva, e que mais tarde, o mal seria relacionado a satanás. Já a cabala judaica entende que o bem e o mal são um estado de equilíbrio. Os cabalistas judeus acreditam na aceitação do bem e do mal, de uma determinação e se relaciona com os dois como algo vindo do Criador.

Para Frankiel (2009, p. 26), a concepção de pecado na maioria das tradições cristãs evidencia a natureza pecaminosa do ser humano, na qual o pecado é percebido como uma transgressão, orgulho ou corrupção. O judaísmo identifica esses traços na natureza humana, mas tende a se concentrar em outros pontos, como por exemplo: a compreensão errada, a percepção equivocada e a ignorância.

A respeito da vinda do messias, temos uma semelhança e uma diferença. A cabala cristã possui a Bíblia, onde constatamos que no Antigo Testamento há um prenúncio das promessas de Deus aos seus profetas, sobre acontecimentos vindouros que anunciou a vinda do esperado messias, que se cumpriu no novo testamento. Ainda dentro da cabala cristã, os cabalistas cristãos faziam essa mistura de mencionar e relacionar o Antigo Testamento com o Novo.

A cabala judaica, em seus escritos sagrados, faz menção no Antigo Testamento de seus antepassados, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó que também faz prenúncios do futuro aos seus profetas. No primeiro capítulo, vimos que os judeus criaram amuletos para os enfermos serem curados e que servia também para adiantar a vinda do messias.

A cabala cristã, através do Novo Testamento, relata no evangelho de João o fim dos tempos, chamado assim de escatologia apocalíptica. A hora da redenção, onde os justos serão separados dos injustos, o retorno do messias para salvar os seus fieis. Já na cabala judaica, não haverá essa separação de justos e injustos, já que não haverá juízo. Como ela é reencarnacionista, certamente não tem juízo final.

A origem da cabala não é judaica nem cristã, acredita-se ter vindo em tempos remotos de outras culturas mais antigas. Desse modo, foi passando pelos povos até chegar aos judeus, e por volta do século XV, ela se expandiu e alguns cristãos fizeram uma adaptação e a chamaram de cabala cristã, inserindo algo a mais embasados em suas crenças. Até hoje a cabala vive em constante mudança, Oliveira descreve em seu livro Cabala Cristã.

Na cabala judaica, o homem primordial (Adam Ha Rishon), como já vimos, é denominado uma só alma, e esta é como um organismo com milhões de células que se conectam umas com as outras, que tinha ligação direta com Deus e esse elo foi rompido. Essa

alma se fragmentou em varias partes, gerando em nós conflitos e sentimentos errôneos. Em contra partida, a cabala cristã vem nos dizer que essa regeneração se deu através de Jesus Cristo.

A dualidade é uma semelhança marcante nas cabalas, pois, verificamos nelas a importância da criação, de tudo que existe dentro e fora do cosmo, bem e mal, luz e escuridão, macho e fêmea, masculino e feminino, dentre outros que conhecemos e sem eles não teria sentido o universo. E que está presente em todas as religiões.

Desde os primórdios, as mulheres eram restritas nos ensinamentos judaicos, tratava-se de um tabu que se arrastou por séculos e foi quebrado na atualidade. Na cabala judaica, vale ressaltar que não eram todos os homens que poderiam ter acesso, isso é uma característica peculiar. A mulher era vista como inferior ao homem, em seus vários aspectos religiosos, políticos e econômicos. Para fazer parte dela, teria que ser do sexo masculino, maior de quarenta anos, casado e ter pelo menos três filhos, como já vimos. Mas isso ficou para trás e a mulheres hoje podem descobrir essa magnífica sabedoria, um exemplo disso é a cabalista Karen Berg, que falamos um pouco de sua trajetória até conhecer a cabala no segundo capítulo.

Em nosso estudo, no entanto, não constatamos na cabala cristã nenhuma restrição relacionada às mulheres. Ao contrário, vemos sim a inserção delas através de Jesus, que no cristianismo primitivo, não distinguia entre homens e mulheres. Nos evangelhos do Novo Testamento, encontramos relatos de mulheres que seguiam Jesus, dentre elas, Maria Madalena que conviveu com os apóstolos e recebeu os ensinamentos de Jesus. Lucas descreve bem essa relação: “Depois disso, Jesus andava pelas cidades e aldeias anunciando a boa nova do Reino de Deus. Os doze estavam com ele, como também algumas mulheres que tinham sido livradas de espíritos malignos e curadas de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinha saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes; Susana e muitas outras, que o assistiram com suas posses” (BIBLIA, 2004, p.1357).

A cabala judaica e cristã pode ser estudada por qualquer pessoa, sejam elas professores, estudantes, leigos, religiosos ou não, de credos e raças diferentes. Hoje é mais fácil estudar e vivenciar a cabala por meio de tantos recursos disponíveis, como por exemplo, a internet, cursos, livros, dentre outros. Como vimos no primeiro capítulo a conexão que a cabala agrega entre os mundos superiores e inferiores, entre os cumes elevados do espírito e as tarefas cotidianas da vida, não acontece por acaso.

Na cabala judaica, para se ter o conhecimento que os judeus possuíam, era necessário se preparar com técnicas místicas ensinadas pelos profetas, que através de seu contato com Deus, transmitiam a mensagem da vontade divina na condição de escolhido, podemos exemplificar com Moisés, que foi um instrumento entre o povo e o Faraó. Deus exigia que reis, sacerdotes e homens do poder obedecessem a sua ordem no mundo: cuidar dos pobres e aliviar o sofrimento dos oprimidos, assim sendo, tem a páscoa judaica que representa a libertação do seu povo do Egito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cabala fundamenta-se não simplesmente no estudo e na apreciação do sagrado, mas principalmente na autorreflexão e na oração para se obter essa sabedoria na própria vida. Por isso, o homem necessita rever sua história pessoal e comunitária, que vai do nascimento até o momento presente, para ver como ela pode ser compreendida com base no caminho espiritual em evolução. É importante lembrarmos que a cabala não vai solucionar os problemas humanos, mas se constitui como um método usado para lidar com as situações impostas, um caminho de ação, capacitando à transformação do mundo.

Entendemos que a cabala enquanto um estilo de vida vem contribuir para uma melhor vivência da missão do homem aqui na terra. Vimos durante todo o trabalho que a cabala judaica não é mais importante que a cabala cristã, ou vice versa, contudo, há pessoas que procuram e se identificam mais com uma que a outra.

Percebemos que o tema da cabala se relaciona com vários aspectos físicos e emocionais do ser humano, como por exemplo, a alimentação, as finanças, os sentimentos negativos, etc., para tanto, existem várias cabalas, como a da comida, do dinheiro, da dieta, da inveja, dentre outras. Começamos a ter consciência que os acontecimentos que vem acontecendo são uma pequena parte de um grande projeto, que tem se transformado ao longo do tempo, e que engloba bilhões de almas no cosmo.

Por fim, segundo os estudos cabalistas, vemos que Deus deseja se manifestar através de sua divindade nos atos das pessoas para serem grandemente iluminadas. Se realmente aprenderem que Deus é onisciente, onipresente e onipotente, retornar para Deus poderá ser tão gratificante quanto será o melhor caminho a chegar a ele. Esperamos que esse estudo leve o leitor a conhecer melhor sobre essa ciência importante desde os primórdios. Vemos em vários contextos que a cabala judaica e a cristã se compreendem entre si pelos resultados obtidos através dos cabalistas que vêm se dedicando a assimilar esse conhecimento, pois que a cada dia se descobrem coisas novas e, desse modo, podemos chamar de uma ciência que tem muito a ensinar. Se não fosse algo de crucial importância, a cabala não teria sobrevivido, contudo, os ensinamentos ficaram registrados para as futuras gerações também poderem ter acesso, dando continuidade ao estudo.

Berg, conclui que:

Geralmente não gostamos de pensar nos problemas que encontramos em nossa vida como nossos. Queremos culpar outra pessoa ou situação por nosso infortúnio: nossos pais, marido, filhos, chefe, Deus, o tempo, o governo... Pensamos desta maneira, porque, para nós, é difícil nos enxergarmos como realmente somos. Não queremos entender o que as peças do quebra-cabeça significam em nossa vida. Mas se acreditamos que a centelha de Deus está em todos nós, não podemos então ser vítimas. Assumimos responsabilidade por fazer a única escolha real que essa vida nos oferece: crescer ou não crescer. Fazer papel de vítima sugere que a Luz não existe e nega a existência da centelha de Deus (BERG, 2013, p. 57).

Berg faz com que paremos e reflitamos como está sendo o modo de vida, se é segundo aquilo que Deus quer ou é segundo o nosso querer, em outras palavras fazer aquilo que desejamos por vontade própria.

REFERÊNCIAS

AMBALU et al. **O Livro das religiões**. Trad. Bruno Alexander. 2ª Ed. São Paulo: Globo, 2016.

ARAÚJO, Leonardo Oliveira de. OLIVEIRA, Marlanfe Tavares. **Cabala cristã**. Chiado Editora, 2013.

ASHERI, Michael. **O Judaísmo vivo: as tradições e as leis dos judeus praticantes**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BERG, Karen. **Deus usa batom: Kabbalah para mulheres**. São Paulo: Kabbalah Centre do Brasil, 2011.

_____. **Idas e vidas: Reencarnação e o nosso propósito**. São Paulo: Kalbalah Centre do Brasil, 2013.

BIBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução portuguesa da versão francesa dos originais grego, hebraico e aramaico, traduzidos pelos Monges de Maredsous (Bélgica). 160ª Ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2004.

COUTO, Sérgio Pereira. **Segredos da cabala**. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

ELIADE, Mircea. COULIANO, Ioan P. **Dicionário das Religiões**. Trad. Ivonne Castilho Benedetti. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1999.

FRANKIEL, Tamar. **Cabala uma breve introdução para os cristãos**. São Paulo: Pensamento, 2009.

FIELDING, Charles. **A Cabala prática**. 8ª. Ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2010.

HALEVI, Shimon. **A árvore da vida**. São Paulo: Editora Três, 1973.

IDEL, Moshe. **Cabala: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

IDEL, Moshe et. al. **Cabala, cabalismo e cabalistas**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LAITMAN, Michael. **A voz da cabala**. Israel: Laitman Kabbalah Publishers, 2008.

_____. **Cabala, ciência e o significado da vida**. Toronto: Kabbalah Publishers, 2006.

MARTIN, Eugenio Garrido. **Psicologia do encontro: Moreno. J.L.** Tradução: Maria de Jesus A. Albuquerque. São Paulo: Ágora, 1996.

ROSENROTH, Knorr Von. **A Kabbala revelada: filosofia oculta e ciência**. São Paulo: Madras, 2004.

SCHOLEM, Gerson G. **A Cabala e seu simbolismo**. Tradução Hans Borger; J. Guinsburg. Coleção Debates- Filosofia. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **A Cabala e o seu simbolismo**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

SÉROUYA, Henri. **A cabala**. Tradução do Original do Francês La Kabbale, Presses Univeritaires de France, Paris: 1970.

NISKIER, Arnaldo. **Zohar – A alma da cabala**. **Revista Brasileira da Academia de Letras**, Fase VIII, 2011.